



**INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS
CURSO DE BACHARELADO EM HUMANIDADES**

EDILENE SALVADOR OLIVEIRA SANTOS

**MEMÓRIAS DA PELE:
IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL, GÊNERO E VIOLÊNCIA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2017

EDILENE SALVADOR OLIVEIRA SANTOS

**MEMÓRIAS DA PELE:
IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL, GÊNERO E VIOLÊNCIA**

Projeto apresentado a Universidade de
integração Internacional de Lusofonia Afro-
Brasileira como pré-requisito para Graduação
do Curso de Bacharelado em Humanidades.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Cristiane Santos Souza

**SÃO FRANCISCO DO CONDE
2017**

EDILENE SALVADOR OLIVEIRA SANTOS

**MEMÓRIAS DA PELE:
IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL, GÊNERO E VIOLÊNCIA**

Projeto de pesquisa apresentado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Instituto de Humanidades e Letras, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

DATA DE APROVAÇÃO: 02/08/2017

BANCA EXAMINADORA

Cristiane Santos Souza – Orientadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Cristina Teodora Trinidad – Examinadora

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

Maria Claudia Cardoso Ferreira – Examinador

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
1.1	O DESPERTAR DE UMA NEGRA	5
2	JUSTIFICATIVA	7
3	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	8
4	METODOLOGIA	12
5	CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	13
	REFERÊNCIAS	14

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste projeto intitulado: “Memórias da Pele: Identidade étnico-racial, Gênero e Violência”,¹ tem a proposta de entender como a ideologia do branqueamento contribui para o não pertencimento racial e promove a violência contra as mulheres negras, especialmente aquelas com os tons de pele mais claras, consideradas socialmente “pardas”, segundo os critérios de classificação oficiais. Para tal, devo considerar algumas memórias e representações que são forjadas nas relações cotidianas das mulheres negras (autoconhecidas ou não).² Essas memórias e representações fazem parte de um processo de construção identitária, em termos raciais e de gênero, que apontam em suas lembranças para a violência social, simbólica, psicológica e estética que o branqueamento promove.

Essas memórias alojam estruturas que vão desde a própria aceitação quanto negra seja na estética, até as escolhas afetivas, em que se reforça a violência, em particular, contra a mulher, já que estas passam e convivem com certas realidades e sistemas classificatórios de um mundo tão afetado e modificado quando se tratam das inúmeras experiências dessas mulheres em todas as esferas de vida, que vão desde as escolhas afetivas ao ingresso na área de trabalho, todas sempre muito difíceis. Considerando estes processos o projeto se propõe a analisar os aspectos desta “luta” pessoal (que é social e coletiva) de aceitação racial, visto que o “enegrecer” é um processo que acontece de fora para dentro e dentro pra fora.

1.1 O DESPERTAR DE UMA NEGRA

A autoafirmação como uma mulher negra foi um processo que na minha experiência foi inquietador, durante algum tempo questões sobre cor de pele eram menos importantes do que pensar na minha condição socioeconômica, e minha maior preocupação era poder alisar meu cabelo e passar despercebida pelo racismo, afinal eu nem era negra, eu era “moreninha” e até “cor de burro quando foge”, como diziam os amigos nas suas brincadeiras jocosas, que me confortavam o ego, afinal eu não tinha com que me preocupar, era só caprichar na chapinha e

¹ Tomo como ponto de partida para pensar as relações de gênero as reflexões de BRAGA que nos diz que: “A diferença biológica é apenas o ponto de partida para a construção social do que é ser homem ou ser mulher. O sexo é atribuído ao biológico enquanto gênero é uma construção social e histórica. A noção de gênero aponta para a dimensão das relações sociais do feminino e do masculino.” (BRAGA, 2007, pg. 21)

² Vale ressaltar que estou tomando, dentre os outros autores que trabalham com a memória dos sujeitos a Ecléa Bosi que nos faz lembrar que na memória fica o que significa (BOSI, 1979). Neste sentido, meu olhar na pesquisa é apreender o que ficou na memória das mulheres com as quais pretendo trabalhar, sobre o sua pertencimentos étnico-raciais e as experiências de violência.

todos iriam me olhar diferente; ou trabalhar pesado e comprar uma roupa igual a da atriz branca da novela das 7 (sete), aí as portas do mundo se abririam para mim, afinal eu era “quase” branca para alguns. Eu não padeceria das desventuras que o racismo impunha aos negros com o tom da pele mais escura, afinal eu era uma “morena clara”, como eu mesma me reconhecia à época.

Neste sentido, durante boa parte da vida pensei que as diferenças e a violência (simbólica, física, moral e psicológica) contra as mulheres “pardas”, não eram questões sobre o racismo e sim sobre sua origem social e territorial. Afinal morava no Subúrbio Ferroviário de Salvador (região majoritariamente pobre e negra), território da capital baiana estigmatizada como lugar de pobreza, delinquência e violência.³ Enfim, aos meus olhos na época o mal só era a pobreza, isso dava a falsa ilusão de ser aceita, ou de não se posicionar e ficar protegida dos estereótipos pejorativos, afinal ser “morena clara” era uma definição que idealizava ser “boa”, ou seja, nem negra nem branca. Porém, ao mesmo tempo em que isso poderia me deixar numa zona aparente de conforto, causava uma inquietação, uma falta de lugar, de pertencimento.

Então, tomei consciência de que em algumas épocas a maior preocupação era a sobrevivência entre uma refeição e outra, e que, a raça era dividida em duas: 1. **pobre** (negros, morenos, mulatos, suburbanos, desempregados, mães solteiras, os de “cabelo duro”, crianças subnutridas, analfabetos e “feios” e “infelizes”), e 2. **rico** (“alvos”, “cabelos lisos”, inteligentes, famílias estruturadas, crianças gordas e felizes). Logo, ser negro era uma coisa ruim, o que se imaginava que deveria começar um processo violento de *clareamento psicoemocional*, difundido pela sociedade e a ideologia do branqueamento, dominante, onde ser “morena” era ser a “mulata” desejada por todos, em particular, pelos homens, ou seja, esses *tons de violência sutil* passavam despercebidos; violência essa que ganha seus contornos deste a infância quando corria para não pentear os cabelos crespos, e quase sempre apanhava para não fazer cara feia, ou para não ter os cabelos cortados como um menino. A busca alucinada pela chapinha esquentadas no fogão e alisamentos que feriam o couro cabeludo, que me prometiam ter cabelos escorridos e ser como uma menina “branca” e “bonita de verdade”, mesmo não entendendo no momento que isso era agressão simbólica que o racismo impunha, me fazendo não esquecer completamente a substância e as referências histórico-culturais de ser negra.

³ SOUZA (2000; 2014) problematiza sobre as representações e os estigmas que cercam o Subúrbio Ferroviário de Salvador. Durante a pesquisa irei me aprofundar as questões apontadas pela a autora para a construção das representações negativas que atravessam o senso comum sobre este lugar da cidade.

Quando descobri que “pardo” era um subgrupo da raça negra, classificado assim pelo IBGE, fiquei me questionando: Quem era eu? Eu pertencia ao grupo da raça negra! Mas em diferentes espaços sociais muitas pessoas me diziam, entre os negros que eu era “branca” e entre os brancos como “morena”. Sentia-me sem pertencer a lugar nenhum, sem autoestima, sem identidade. E na retrospectiva de vida várias fichas caíram, quando cheguei a uma universidade homogeneamente branca, (como bolsista), senti medo, eu nunca seria vista como “elas”. Minha baixa estima me disse: *desista, você é negra demais para ser branca!* Tempos mais tarde uma luz no fim do túnel...

Resultado da Lei 10.639, sancionada em 2003 pelo Presidente da República – que altera a LDB (Lei de Diretrizes e Bases, 1996) e institui a obrigatoriedade no ensino fundamental e médio, público e particular, do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira, nasceu a Universidade de Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Aqui começa minha trajetória de autoafirmação e pertencimento enquanto mulher negra. Penso que esta pesquisa possa ser uma contribuição para ampliar as reflexões sobre o tema proposto e sirva como maiêutica das transformações que contribuem para o processo de construção social e política das mulheres negras em suas experiências cotidianas nas descobertas de si mesmas.

2 JUSTIFICATIVA

No sentido de lidar com as marcas do racismo fomos socialmente condicionados a criar ou aceitar estereótipos forjados numa cultura “branqueadora” dominante que diz de todas as formas que quanto mais “claro melhor”. A tentativa de branquear totalmente o povo brasileiro, o que se sabe que não deu certo e não pode dá. E como se diz popularmente: “o tiro saiu pela culatra”. Surgiu outro tipo de brasileiro, o “pardo”, em todas as suas tonalidades, como branquear totalmente na cor não funcionou se foi branqueando mental, emocional e culturalmente, o que configura uma imposição na maneira de pensar, de vestir e de sentir, colocando uma “desculpa” para não nos vê como “nós” e não como “outro”.

Desde o berço a mulher “mestiça” carrega consigo a responsabilidade de se auto-definir quanto ao seu pertencimento racial. Assim, no que se refere à mulher, se questiona se nasce negra ou torna-se negra? Ainda, como nasce uma mulher negra sob a pele “parda”? Logo, a mulher negra nasce do desejo de conhecer sua substância, dos sentidos culturais que lhes dão entendimento do mundo, dos chamados ancestrais, dos questionamentos a uma cultura

imposta por uma parte dominante (que impõe padrões de beleza, que nega sua origem), bem como da família tão múltipla e diversa. Com isto, esse é o posicionamento como hipótese/possibilidade de resposta, o *enegrecimento* como resposta ao "branqueamento", processo este que afeta a construção identitária das mulheres negras, de forma geral da sociedade, mas em particular das mulheres que na condição de gênero são subalternizadas pela estrutura do machismo/sexismo, bem como pelo racismo, forjando assim experiências de violência.

a. Objetivo Geral

- Entender como é construída a identidade étnico-racial da mulher negra, em particular aquelas de tom de pele mais clara, classificadas socialmente como “pardas”, já que os preconceitos sociais e raciais impactam a formação de uma identidade racial e formulam estereótipos que testemunham a falta de pertencimento enquanto negras.

b. Objetivos específicos

- Compreender qual o processo de autoafirmação que vivenciam as mulheres negras na afirmação da “negritude”;
- Destacar a importância social e simbólica para o combate a violência às mulheres terem sua identidade racial afirmada;
- Demonstrar como “nasce” uma mulher negra dentro de uma que é vista como “parda”, e como se dá o processo de afirmação racial dessas mulheres.

3 REVISÃO BIBLIOGRAFICA

Na tentativa entender e questionar as hierarquias sociais realizei uma breve revisão e leituras teóricas que me possibilitou começar a compreender como certas realidades e classificações pelas quais passam as mulheres negras (no seu espectro do colorismo), demonstram como as múltiplas violências pelas quais passam estas mulheres afetam a construção do pertencimento e de uma identidade enquanto negra.

Neste sentido, as modas de alisamentos como padrões de beleza que vão seguindo

indistintamente para se sentir “normais”, pertencentes a um grupo lido como “bom”, não sendo assim, se vira as “mulatas” cobiçadas pela luxúria da sociedade ideologicamente branca, ou então num jogo de lá e cá, com definições insólitas, ou seja, ora brancas, ora negras, que estariam sem raiz, sem identidade. Porém, há caminhos com o poder de se impor, ou seja, às mulheres negras que tem imposto um lugar social de pertencimento étnico-racial que são negados, escamoteados àquelas que são marcados pela branquitude. Tem sido criado um espaço de fala, que nos diz: *“eu existo; eu tenho etnia; eu não sou um subgrupo; eu sou parte de um grupo; eu tenho uma definição; eu tenho um passado, que diz de quem eu sou”*. E mais, *“tenho etnia; eu não sou um subgrupo; eu sou parte de um grupo; eu tenho uma definição. Sou negra”*. Esta é uma fala latente do meu ego.

A percepção do sofrimento de muitas mulheres que ainda estão envolvidas entre linhas de pensamentos clareadores e entre sua ancestralidade, afirma-se que identidade é uma construção social e política que tem contribuído sobremaneira para a afirmação e a busca de direitos. Enfim, nossa sociedade que ensina desde o “berço”, da tenra infância, que ser branco é bom, desejado, e, que ser negro é ruim e motivo de baixa-estima, se fortalece em seus questionamentos. Neste sentido se encontrou em Pacheco (2017, p. 01) que:

A mulher negra sofre de maneira mais profunda a pressão no sentido do branqueamento, especialmente, do ponto de vista estético [...] E por ser, geralmente, a principal responsável pela educação dos filhos, a mulher negra é utilizada como canal de repasse dos sentimentos de inferioridade impostos pela sociedade, e que causa tantos danos à autoestima de crianças e jovens negros. Por outro lado, o homem negro, também vítima destas contradições, tende a afastar-se da mulher negra em virtude da ideologia que os inferioriza, relegando a solidão [...].

A identidade é historicamente criada em meio às relações, disputas e conflitos socioculturais. Em outra dimensão vale chamar atenção da memória que dispõem os corpos, e em particular na pele, são assim as *memórias da pele*, como "branqueamento" que atravessa a vida dos indivíduos em sociedade, que no caso das experiências das mulheres negras acabam por reforçar a violência contra elas. Para entender estes processos, será necessário considerar os dados estatísticos produzidos por instituições públicas brasileiras, como o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) e o Instituto de IPEA (Pesquisa Econômica Aplicada), conforme afirma Gomes (2017, p.40):

Indicam que se justifica agregarmos pretos e pardos para formarmos, tecnicamente, o grupo racial negro, visto que a situação destes dois últimos grupos raciais é, de um lado, bem semelhante, e, de outro lado, bem distante ou desigual quando comparada com a situação do grupo racial branco. Assim sendo, ante a semelhança estatística

entre pretos e pardos em termos de obtenção de direitos legais e legítimos, pensamos ser plausível agregarmos esses dois grupos raciais numa mesma categoria, a de negros. (...) a diferença entre pretos e pardos no que diz respeito à obtenção de vantagens sociais e outros importantes bens e benefícios (ou mesmo em termos de exclusão dos seus direitos legais e legítimos) é tão insignificante estatisticamente que podemos agregá-los numa única categoria, a de negros, uma vez que o racismo no Brasil não faz distinção significativa entre pretos e pardos, como se imagina no senso comum.

Por tanto, enquanto mulher a situação é sempre pior, do ponto de vista do seu estar no mundo, pois já é difícil se conquistar o direito de ser mulher que trabalha, com valores, força, combatendo o machismo e o sexismo, ainda mais se afirmando negra, travando lutas contra toda a violência implícita ou explícita, claro que tudo isso reforça a construção e afirmação de um projeto de identidade hegemônico do que é ser mulher classificadas como “pardas” ou “negras de pele clara”, fragmentadas pelos estereótipos presentes no escopo do projeto de “branqueamento”.

A fragmentação da raça negra em vários tons, resultado do processo de branqueamento, foi forjando aos poucos uma “consciência de ser branco” entre os negros em sua diversidade de cores que camuflam o racismo através da ideia de “identidade parda”, como bem sinaliza em suas reflexões Ângela Figueiredo,

Quase todos nós nascemos embranquecidos, visto que há uma predominância dos aspectos da cultura branca — se é que as sim podemos denominá-la em nossa sociedade, e só enegrecem ou se tornam negros ao longo dos anos os que optam por incluir em suas vidas os aspectos identificados com a cultura negra e se tornam curiosos em conhecer o seu passado (Figueiredo, 2002, p. 104).

O racismo no Brasil é tão articulado que criou um distanciamento entre os afrodescendentes, alguns negros veem os “pardos” como detentores de privilégios ou até como “afro-convenientes”, por outro lado, “negros de pele clara” não protagonizam ambientes brancos, sendo o acesso apenas parcialmente liberado, “mestiços nunca tiveram seu lugar ao sol, no que se refere a formação social brasileira, apesar de serem reconhecidos como “melhores” que seus ancestrais não-brancos, eles nunca foram considerados como pessoas brancas, sempre foram denominados, como “mulatos” (mula), “pardos” (“branco sujo”), “brancos ilegítimos” (MUNANGA, 2004). Ainda nas linhas da reflexão de Munanga (2004, p. 137), o problema colocado aqui neste projeto ganhar base: “em torno da cor e da negritude, não assumidos pela maioria, cujo futuro foi projetado no sonho do branqueamento?”.

É entorno o dessa questão que este projeto se situa. As pessoas negras foram imersas num projeto que lhes negou as origens, particularmente os “negros de tom de pele mais claros”, aqueles que, conforme apontado até aqui, deveriam “comportar-se como brancos”. Para ingressar no “mundo dos brancos”, negros e “mestiços” se submeteram a um “branqueamento” psicossocial e moral. (OSÓRIO, 2004)

O branqueamento projeta um complexo de inferioridade e dependência para o sujeito negro, que para ser visibilizado em determinados grupos tentam se tornar o mais branco possível, usando sob a “Pele Negra Máscaras Brancas”, segundo Franz Fanon. Em suas palavras ainda: “o negro quer ser branco, o branco o branco incita-se a assumir a condição de ser humano” (FANON, 2008, p.27)

Nascemos multicolores, marrons, pardas, moreninhas, sararás, etc, na grande miscelânea brasileira, mas carregamos em nos as marcas da negritude, mas convivemos com todos os questionamentos inerentes a cor da pele, e sofremos pelo que fomos sutilmente submetidos, gerando o apagamento sociocultural e histórico de parte fundamental da formação da sociedade brasileira, configurando levando à perda da própria referência aos povos africanos e negros, dificultando uma autoafirmação racial.

Há quem diga que “mulheres negras de pele mais clara” não sofrem racismo. É comum ouvir: *Ora! Você não é tão negra assim! Como você pode reclamar do racismo!?* Terrível engano, o racismo criou estratégias perspicazes de nos mostrar que não pertencemos ao “mundo branco”, evidente que são graus/facetas diferentes do racismo, pois o racismo é *pigmentocrático*, quanto mais “escuros” e “traços negros” tivermos mais preconceitos sofreremos; porém, o racismo consegue ludibriar o próprio negro, embranquecendo, criando e afirmando estereótipos vazios, sem profundidade, criando máscaras, “como as máscaras de Dandara”, uma personagem fictícia, mas tão real quanto quem escreveu no momento que diz que:

Durante os vários anos letivos usou máscaras de todos os tipos: simples, complexas, articuladas ou imóveis, zoomorfas ou híbridas, feitas de folhas, de cascas ou de tecido, de pele ou de couro, de conchas, formadas em ouro, prata ou outros metais, esculpidas em pedras ou cozidas em cerâmica (...). Sempre tentando pertencer. Sempre dilacerada. Tornou-se múltipla e vazia; sombras deformadas. Já não se conhecia mais. Já não existia. Era apenas um fantasma. (MACHADO, 2009, p. 108).

Muitas Dandaras sob a “pele parda” são produzidas diariamente, usando máscaras branqueadoras, muitas por medo de assumir sua negritude tão discriminada, outras por

alienação que o desconhecimento histórico e social sobre si, promovido pelo epistemicídio⁴ que quase dizimou todas as referências às outras narrativas históricas sobre nossas origens. Epistemicídio esse que nos faz acreditar no mito da democracia racial onde tudo é muito harmônico. Talvez o maior desafio para “mulher negra de pele clara” é se reconhecer enquanto negra e derrubar o muro do preconceito que nos foram ensinados desde o berço embalado com muito afinco pelo racismo.

4 METODOLOGIA

Nesse projeto a proposta metodológica é construir uma abordagem e análise qualitativas, a partir da produção de dados empíricos, associado ao trabalho de levantamento e análise bibliográfico.

O trabalho de campo é fundamental para que possa alcançar meus objetivos, pois a principal fonte é o ponto de vista das mulheres negras. Neste sentido, os sujeitos da pesquisa são as mulheres negras, em particular aquelas consideradas “pardas”, entre 20 e 50 anos, a princípio de bairros periféricos onde a população é, em sua maioria, negra. A proposta é produzir registros de campo (caderno de campo, relatos, fotografias, diários, etc) decorrentes da convivência e das observações junto a estas mulheres. As conversas com as mulheres negras podem nos possibilitar chaves de acesso às suas memórias e experiência. Além dos registros etnográficos, pretendo realizar entrevistas em profundidade com algumas destas mulheres auxiliadas por um roteiro semiestruturado.

Por fim, seguindo as linhas do que Gil (2002, p.44) nos informa que a pesquisa bibliográfica olha as fontes bibliográficas que podem ser desenvolvidas a partir de: imprensa escrita (jornais e revistas), meios audiovisuais (filmes, televisão) material cartográfico (mapas e gráficos), publicações (livros, teses, monografias, publicações avulsas, pesquisas etc.).

⁴ Conforme Boaventura (2007), “o epistemicídio é, em essência, a destruição de conhecimentos, de saberes, e de culturas não assimiladas pela cultura branca/ocidental”.

5 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

O cronograma é a previsão de acordo com as atividades a serem cumpridas. As atividades e os períodos são definidos a partir das características de cada grupo e dos critérios determinados. Assim ficam acordados os seguintes “passos” com seus respectivos períodos de execução:

SEMESTRE 2017	ABRIL	MAIO	JUNHO	JULHO	AGOSTO
ATIVIDADES					
Elaboração do Projeto					
Levantamento Bibliográfico					
Encontro com orientador					
Coleta de dados					
Análise de dados					
Escrita do projeto					
Entrega do projeto					
Apresentação do projeto					

REFERÊNCIAS

- BAIROS, Luiza. **Mulher Negra: o reforço da subordinação**. In: Desigualdade racial no Brasil Contemporâneo. UFMG/Cedeplar. p. 177-193. 1º Oliveira. Belo Horizonte: 1991.
- BRAGA, Eliane Maio. A **Questão do Gênero e da sexualidade na Educação**. In: RODRIGUES, Eliane; ROSIN, Sheila Maria (orgs). Infância e práticas educativas. Maringá – Pr. EDUEM. 2007.
- FIGUEIREDO, Ângela. **Fora do jogo: a experiência dos negros na classe média brasileira**. Cad. Pagu. n.º. 23, Campinas: July/Dec. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332004000200007> Acesso em: 27/Mar/2017.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala**, 50ª ed. Global Editora. 2005.
- GOMES, Renato Cordeiro. **De rua e de janela**. Revista Semear. n.º 6. 2002. Nova Postagem 31.01.2008. Disponível em: <<http://www.letras.puc-rio.br/Catedra/index.html>> Acesso em: 27/Mar/2017.
- HOLANDA, Sérgio Buarque. **Raízes do Brasil**. Companhia das Letras, Edição comemorativa 70 anos. 2006.
- MENDES, Iba. Doutrina do Branqueamento. Disponível em: <<http://www.ibamendes.com/2011/01/doutrina-do-branqueamento.html>> Acesso em: 27/Mar/2017.
- PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000436695>> Acesso em: 27/Mar/2017.
- PACHECO, Ana Claudia Lemos. **Raça, Gênero e relações sexual-afetivas na Produção Bibliográfica nas Ciências Sociais brasileiras**. Salvador: Afro- Ásia, 2006.
- DOMINGUES, Petrônio. **Negros de Almas Branca? A Ideologia do Branqueamento no Interior da comunidade negra em São Paulo, 1915-1930**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 24, n.º 3, 2002.
- FANON, Franz. **Pele Negra Máscaras brancas**. Rio de Janeiro: Ed. Fator, 1983.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1986.
- NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca, Preconceito de Origem**. In: Tanto preto quanto branco - estudos de relações raciais. São Paulo: T.A. Queiroz, 1977.
- MUNANGA, Kabenguele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil**. In. Identidade Nacional versus identidade negra. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças** – cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

FERNANDES, Florestan. **O Negro no Mundo dos Brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

MACHADO, Serafina. **As Máscaras de Dandara**. In. Cadernos Negros, Contos Afro-brasileiros, vol. 32 (pag. 107), Quilombhoje, São Paulo, 2009.

CARNEIRO, Sueli, **Racismo, Sexismo e Desigualdades no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed. Selo Negro, 2010.

SOUZA, Cristiane. **Trajetória de migrantes e seus descendentes: transformações urbanas, memória e inserção na metrópole baiana**. 2013. Tese (doutorado em Antropologia Social). Programa de pós-graduação em Antropologia Social da UNICAMP, 2013.

_____. **Percepção e produção estética: Configuração do modo de vida em Novos Alagados no Subúrbio Ferroviário de Salvador**. 2002. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal da Bahia, 2002.